

PASCOAL MOREIRA CABRAL LEME

Paulo Pitaluga Costa e Silva

INTRODUÇÃO

Apesar de ter sido o fundador de Cuiabá, tal seja, personagem de real importância e destaque para nossa história regional, está ainda muito incompleta a biografia desse notável bandeirante sorocabano. De suas entradas pelos sertões, antes da fundação de Cuiabá, pouco se sabe. Mesmo após a descoberta das Minas do Cuiabá, os registros são de todo insuficientes para se delinear um perfil de suas atividades como guarda mor dessas minas. O arquivo cuiabano foi perdido, em especial, a documentação dos primeiros anos de vida dos três arraiais pioneiros. Essa documentação recebida foi extraviada, e a remetida, deve existir cópia na Torre do Tombo, em Portugal. O Arquivo Público de São Paulo, muito pouco tem dos 5 primeiros anos de Cuiabá. Por serem as lavras cuiabanas jurisdicionadas, nesses tempos pioneiros, à Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, com sede em Vila do Carmo, hoje Mariana, talvez se possa encontrar a documentação primeira, no Arquivo Mineiro, em Belo Horizonte. Por isso só, depreende-se a dificuldade da pesquisa mais acurada dos primeiros anos das Minas do Cuiabá.

Filho do Coronel Pascoal Moreira Cabral e de Mariana Leme, esse intrépido bandeirante nasceu em Sorocaba em 1654, sendo descendente de ilustre família de paulistas, quase todos dedicados às lides do sertão e detentores de importantes cargos públicos na administração colonial portuguesa em São Paulo, Itu e Sorocaba. Seu pai, em 1680 explorou os morros de Araçoiaba e Ipanema, fazendo experiências com fundição de ferro. Em 1682, o mesmo obteve autorização régia para levantar um oficina de fabricação de ferro em Ipanema. Faleceu seu progenitor em Sorocaba em 1689, deixando 5 filhos.

Desde cedo Pascoal Moreira iniciou as suas penetrações pelos sertões preando índios. Em 1682, (certamente não foi a sua primeira entrada pelos sertões) já era cabo da bandeira de André Zunega, seu parente, que

penetrou no baixo Mato Grosso, na região do que fora a antiga vila espanhola de Santiago de Xerez, às margens do rio Mboteteí, depois Rio Mondego, hoje Rio Miranda. Face os perigos da região, lá instalaram um arraial cercado por paliçada e devidamente fortificado com duas pequenas peças de artilharia. Esse arraial entrincheirado servia de base para as operações da bandeira de Zunega contra os índios remanescentes das Missões do Itatim¹. Plantavam roças de subsistência e com suas 80 canoas, perambulavam pela região, sulcando vários rios, em especial o Paraguai, atrás de índios para escravizar. Retornou com a bandeira de Zunega para São Paulo em 1685.²

Nessa ocasião, batizou dois filhos naturais, Francisco e José, tidos em pleno sertão, com certeza, com alguma índia escrava.³

Durante essa expedição, estando na barra do Mbotetei com os seus homens, por ali passaram padres jesuítas espanhóis navegando em um bergantim. Pascoal Moreira ajudou-os oferecendo-lhes os mantimentos de que estavam necessitados. Provavelmente esses jesuítas subiram o rio Paraguai de Assunção, e certamente, ou se dirigiam para as Missões Chiquitos e Moxos, ou estavam fazendo algumas observações na sua antiga Província Jesuítica do Itatim.⁴

Pascoal Moreira Cabral casou-se em 1692, em Itu, com Isabel de Siqueira Cortes, natural de Parnaíba, filha de Manoel de Siqueira Cortes e de Ana Moreira de Alvarenga, com quem teve duas filhas e dois filhos, sendo um de igual nome. Um de seus filhos morreu em pleno sertão, conforme o próprio Pascoal Moreira nos conta em carta de 15 de julho de 1722 ao Rei Dom João V: “*Ao depois de perder um filho e quinze homens brancos e alguns escravos, que os mataram e comeram o gentio [...]*”.⁵

Provavelmente, em princípios do século XVIII, deva ter minerado pelas Minas Gerais, mais especialmente nas Minas do Sabarabuçu, tão famosas e produtivas à essa época. O próprio Barbosa de Sá nos conta: “*[...] experto na milícia dos sertões e exercício de minerar pelo ter já exercitado nas Minas Gerais [...]*”⁶

Em 1699 comandando sua própria bandeira esteve na região de Curitiba com vários outros bandeirantes, dentre os quais Salvador Jorge Velho, Simão Jorge Velho, Manoel Correia Lopes e, inclusive, o posteriormente famoso Miguel Sutil de Oliveira, incursionando em pesquisa de ouro e de pedras preciosas. Sutil pessoalmente efetuou a descoberta de minas

auríferas nessa região, a que se denominou Lavras de Santa Cruz. E nada a história registrou sobre os resultados práticos dessa penetração de Pascoal Moreira Cabral em terras curitibanas.⁷

Em 1716 armou uma nova bandeira em Sorocaba e partiu novamente para a região do Mboteteí, onde passou por quase 2 anos fazendo incursões contra os índios da região do que fora um século antes a Missão Jesuítica do Itatim. Nesse local encontrou-se com a bandeira dos irmãos Antunes Maciel, Gabriel, João, Antonio e Felipe e com ela uniu seus esforços para melhor se manter na região que perambulava, além de precioso reforço em seu mister de prear índios. De Antonio Pires de Campos obteve informações sobre os índios Coxiponés, rio Cuiabá acima, que habitavam por todo o vale do Coxipó. Esse bandeirante desde o ano anterior estava explorando o Cuiabá acima, conseguindo escravizar um bom número de índios Coxiponés, que levava consigo para vendê-los em Sorocaba.

A sua bandeira, ao sair de Sorocaba pelo rio Tietê abaixo, era formada por 56 homens brancos, mais escravos negros e índios.

O encontro com Pires de Campos foi no local denominado Arraial Velho, já no rio Cuiabá. Com isso, presume-se, Pascoal Moreira Cabral já tinha deixado o sertão da Vacaria e estava subindo o rio Cuiabá.

Tendo já deixado os Antunes Maciel em local não determinado, ou no Arraial Velho, ou na Vacaria, em 1718 seguiu os passos indicados por Pires de Campos. Chegou à confluência dos rios Cuiabá e Coxipó onde encontrou a aldeia destruída, não aí achando os Coxiponés. Entrou pelo Coxipó Mirim, fazendo pouso logo acima da barra. Nesse local, batizado por Pires de Campos de São Gonçalo Velho, deixou alguns homens e seguiu rio acima até o rio dos Peixes, onde encontrou vestígios de índios, vez que os mesmos lá deixavam seus peixes para secar ao sol. Continuando Coxipó acima até o ribeirão Mutuca, “ [...] *seguiu o Capitão rio acima até o lugar chamado hoje a Forquilha; aí achou o gentio [...]* “. Nesse local o combate com os índios foi violento. Virgílio Corrêa Filho, nos conta que: “ *Em pouco estes (bandeirantes) verificaram que não enterreiravam os mesmos aborígenes incautos, que Pires de Campos subjagara. Protegidos por toscas trincheiras, de paus travados habilmente, rechaçaram os atacantes, que se convenceram não ser tão fácil, como lhes pareceu à primeira vista, a conquista do reduto inexpugnável.*”⁸

Neste combate entre os homens de Pascoal Moreira Cabral e os índi-

os Coxiponés, os bandeirantes perderam “ [...] oito homens brancos, fora negros [...], conforme nos dá conta a própria Ata de fundação de Cuiabá, lavrada pouco tempo após esse combate.

*“Na madrugada do segundo dia deram nos alojamentos do bravo gentio Aripoconé (sic) e nesta avançada ficaram as nossas armas sem o triunfo que esperavam, porque a força do gentio fez muito desigual o nosso partido, ficando dos nossos mortos e quatorze feridos e tão maltratados que foram conduzidos em rede para o novo arraial”*⁹

A bem da verdade esse encontro com os Coxiponés deva ter-se dado de meado para o fim de 1718. Nessa ocasião mandou emissário desconhecido chamar as bandeiras dos irmãos Antunes Maciel e a de Fernão Dias Falcão, que estavam pelo Arraial Velho, para vir ajudá-lo em seus apertos com os Coxiponés.

Tudo indica que, apesar da refrega e de seus mortos, Pascoal Moreira Cabral conseguiu capturar alguns índios. Barbosa de Sá nos explica: “ [...] aí achou o gentio em quem fez suas presas com bastante mostras de ouro em batoques e outros enfeites [...]”¹⁰

Logo após esse combate com os índios, em que quase fora totalmente aniquilado pelos Coxiponés, chegou o socorro que mandara buscar. Em fins de 1718, a bandeira dos irmãos Antunes Maciel e a de Fernão Dias Falcão, aportaram em São Gonçalo Velho. O próprio Pascoal Moreira Cabral, em certidão de 7 de abril de 1723 passada em favor de Fernando Dias Falcão, assim se manifestou: “O Capitão Fernando Dias Falcão me chegou a este arraial, com 130 homens de guerra de socorro, na era de 1718, estando eu e os mais sem armas, sem pólvora, sem chumbo e sem ferramentas, sem termos nenhuma resistência, e com este socorro ficamos remediados de tudo e restaurou nossas próprias vidas, que estávamos sentenciados pelo gentio à morte, e logo fez o dito capitão mor as suas entradas no gentio bravo e ficaram as minas desinfetadas, como se vê, tudo com risco da sua vida [...]”¹¹

Logo após ter chegado ao acampamento do Coxipó, o Capitão Fernando Dias Falcão, efetuou expedições punitivas contra os índios Coxiponés, avançando por esse rio acima, combatendo e expulsando os mesmos da região. A ação bélica desse intrépido bandeirante, proporcionou a sistemática ocupação do vale superior do Coxipó, pelos bandeirantes em busca de novas lavras auríferas, sem o perigo constante do gentio.

Em seguida ao histórico combate, juntamente com os companheiros, Pascoal Moreira Cabral desceu o rio Coxipó abaixo até o pouso primeiro, São Gonçalo Velho, onde deixara alguns homens. O preciso Barbosa de Sá em suas crônicas nos conta: “[...] *buscando os companheiros com eles desceu a fazer pouso ao lugar chamado Aldeia Velha, onde hoje se acha a Capela de São Gonçalo*”. Para sua surpresa, os homens que deixara, apresentaram-lhe uma quantidade fabulosa de ouro em pó e em grãos que haviam bateado no leito do Coxipó. Com as mãos, com bateias improvisadas, sem ferramentas, sem instrumentos de mineração adequados, conseguiram muito mais do que os poucos Coxiponés aprisionados.

Assim, Pascoal Moreira Cabral, instalou o seu arranchamento de São Gonçalo Velho, o primeiro dos arraiais cuiabanos, na confluência do rio Cuiabá com o Coxipó. Tendo fracassado na tentativa de escravização dos índios Coxiponés, e com a descoberta do ouro abundante nas margens desse córrego, instalou precariamente o seu arraial nas margens desse ribeirão, já em sua terceira ocupação. A primeira ocupação fora efetuada nesse mesmo local, nos idos de 1673, realizada pela bandeira de Manoel de Campos Bicudo; a segunda, em 1717/1718, pelo filho deste, Antonio Pires de Campos.

“Aí formaram o seu arraial, para tomar descanso, cantando vitória contra as fadigas da pobreza e suas largas peregrinações, dando uns aos outros os parabéns de suas fortunas, a quem reciprocamente ofereciam laudências de alegria [...]”

Trataram logo de fabricar casas e lavouras de mantimentos pelas margens dos rios Cuiabá e Coxipó [...]”.¹²

Os seus homens, explorando a região do rio Cuiabá e Coxipó, a maioria dedicando-se ao ouro e outros à defesa e manutenção do arraial, acabaram dando com uma aldeia indígena, localizada na margem esquerda do rio Cuiabá. Mais pelo perigo que constituíam os índios tão perto, do que pela vontade de aprisioná-los, Pascoal Moreira Cabral determinou um ataque para destruição dessa aldeia. O fato consumou-se provavelmente em princípios de 1719, no local que posteriormente foi conhecido, ainda em meados do século XVIII, como porto do Borrvalho, a meio caminho entre o rio Coxipó e o Porto da cidade de Cuiabá. Barbosa de Sá nos menciona: “[...] *extinguindo uma aldeia de gentio que se achava no lugar hoje denominado Porto do Borrvalho [...]”*¹³

Como Capitão de sua bandeira, e notoriamente o chefe incontestado

dos homens que já estavam no arraial pioneiro, Pascoal Moreira enviou o capitão Antonio Antunes Maciel, para o Povoado, levando notícias do descobrimento das novas minas.

Com o aumento da produção do ouro, o plantio de roças nas margens do Cuiabá e Coxipó, o arraial tendia à consolidação, e assim, os sertanistas lá reunidos, participantes de três bandeiras distintas, resolveram elaborar e assinar uma ata, que posteriormente se denominou de Ata de Fundação de Cuiabá, em 8 de abril de 1719.¹⁴

Nos termos dessa Ata, os bandeirantes acharam por bem eleger Pascoal Moreira Cabral como o seu Guarda Mor:

“No mesmo dia, mês e ano atrás nomeado, elegeu o povo em voz alta o Capitão Pascoal Moreira Cabral por seu guarda mor regente, até ordem do senhor General [...]”.

Elegendo o bandeirante como o Guarda Mor do novo arraial, os bandeirantes, deram e confirmaram, pela Ata, um poder extremo ao Capitão Moreira Cabral:

“[...] para guardar todos os ribeiros de ouro, socavar e examinar composições entre os mineiros e botar bandeiras tanto às minas como nos inimigos bárbaros e visto elegerem ao dito, lhe acatarão o respeito que poderá tirar auto contra aqueles que forem régulos, como amotinador e alevés, e expulsará que perderá e perderá todos os seus direitos e mandará pagar dívidas [...]”¹⁵

Investido no seu cargo de guarda mor, passou a exercer a suas funções administrativas. Determinou uma série de explorações de novas lavras, por todo o vale do Coxipó acima. A 24 de julho de 1719, Pascoal Moreira determinou expedição para descobrir ouro no ribeirão São João. Achado o metal, nomeou guarda menor das referidas lavras a Manoel Garcia Velho. Nessa data, referente a essa descoberta, foi lavrada uma ata, que o cronista José Barbosa de Sá transcreveu em sua obra mencionada.

Em data de 6 de novembro de 1720, os bandeirantes reunidos resolveram nomear Fernando Dias Falcão como cabo maior do novo arraial *“E também praticaram de conservar o seu guarda mor Pascoal Moreira Cabral de seus descobrimentos [...]”¹⁶*. Oficialmente a confirmação dessa nomeação só se deu a 26 de abril de 1723, por ato do Capitão General Rodrigo César de Meneses, sendo tal designação sido aprovada por ato de D. João V, de 28 de Julho de 1725.

No ano de 1720 começaram a chegar os primeiros colonizadores, em função da notícia divulgada em São Paulo pelo enviado Antonio Antunes Maciel.

“Divulgada a notícia pelos povoados foi tal o movimento que causou nos ânimos que das Minas Gerais, Rio de Janeiro e de toda a Capitania de São Paulo se abalaram muitas gentes, deixando casas, fazendas, mulheres e filhos, botando-se para estes sertões como se fora a terra da promessa ou o Paraíso [...]”.¹⁷

Em função da rápida extinção do ouro de aluvião da barra do Coxipó e a descoberta de novas lavras por esse córrego acima, em especial pelo sertanista Antonio de Almeida Lara, Pascoal Moreira Cabral determinou a mudança do arraial do local onde fora instalado, para o rio Coxipó em sua confluência com o córrego Mutuca. Nesse novo local, fundou-se o segundo arraial cuiabano, a Forquilha, em 1721. *“[...] mudaram-se todos para o Coxipó acima, lugar chamado hoje a Forquilha, aonde formaram arraial e levantaram Igreja com o título de Nossa Senhora da Penha de França [...]”*.¹⁸ Esse arraial subsistiu, tudo indica, pelo menos por 1 ano e meio.

Em outubro de 1722, Miguel Sutil de Oliveira, através de dois índios seus escravos, descobriu ouro nas margens do córrego da Prainha. Nestas novas minas, denominadas Lavras do Sutil, instalou-se o terceiro arraial cuiabano, hoje centro da cidade de Cuiabá.

“No dia seguinte, botaram-se (Sutil e seus 2 índios) para o arraial do Coxipó (Forquilha), fizeram público o descoberto ao que se seguiu despejarem-se para este sítio a que chamaram Lavras do Sutil aonde formaram arraial e desfrutando a lavra que foi a mancha mais copiosa que se tem achado em todo o Brasil [...]”.¹⁹

Assim, Pascoal Moreira Cabral, mudou pela terceira vez, e agora de maneira definitiva, o seu arraial cuiabano.

Em data de 26 de abril de 1723, Rodrigo César de Menezes, passou Provisão em favor de Pascoal Moreira Cabral, nomeando-o Guarda Mor das Minas do Cuiabá, confirmando assim, a eleição para esse cargo, feita pelos seus companheiros de sertão, ainda em 8 de abril de 1719: *“ [...] Atendendo a que Pascoal Moreira Cabral tem feito entradas nos sertões à diligência de descobrir ouro, em que gastou alguns anos, com muita despesa de sua fazenda, morte de escravos e com grande risco da própria vida, pelo dilatado e agreste sertão, e multidão do gentio bárbaro, conse-*

*guindo com a sua diligência o descobrimento de ouro, que hoje se acha com grande estabelecimento no sertão do Cuiabá, e ter sido eleito pelo povo, que se achava naquelas minas, e ter sido confirmado pelo meu antecessor o Conde D. Pedro de Almeida, hei por bem fazer-lhe mercê do cargo de Guarda Mor das ditas minas [...]”*²⁰

No mesmo ano de 1723 recebeu Pascoal Moreira Cabral, do Capitão General Rodrigo César de Menezes, um Regimento “ [...] *para arrecadação dos quintos do ouro, dos dízimos dos frutos e dos direitos que se haviam de cobrar das fazendas e escravaturas que viessem do Povoado com outras instruções mais para o Governo Político.*”²¹

Esse Regimento, ao primeiro exame, poderia se confundir com um Regimento que levou Lourenço Leme para se estabelecer nas Minas do Cuiabá a arrecadação dos quintos por bateia, datado de 10 de junho de 1723. Todavia esse Regimento passado a Lourenço Leme não fala em 12 deputados e nem na formação de um Senado composto desses deputados, presidido pelo Guarda Mor Pascoal Moreira Cabral.

É Barbosa de Sá quem nos afirma: “*E que se elegeisse doze qualaterias (sic) com o título de deputados a que assistem dois em cada bairro com um escrivão e um meirinho e todos juntos formassem com o Guarda Mor um como o Senado, para que determinasse nos ocorrentes casos o que fosse para o bem comum, guiando-se pelas ditas instruções, cujo aranzel, por desnecessário e luxo o não copiei nesta minha história.*”²²

Realmente, Pascoal Moreira Cabral recebeu o Regimento do Guarda Mor, com instruções para novas arrecadações dos quintos reais, bem como para administração das minas, sendo presidente de um Senado informal, composto pelos 12 deputados, seus auxiliares na arrecadação. Isso ficou bem patente no Regimento que levou para as novas Minas do Cuiabá o Mestre de Campo João Leme da Silva, que em seu artigo 20º. nos diz: [...], *na forma do Regimento do Guarda Mor, o qual lhe mandei para se observar na forma que nele se declara [...]”*²³ Mas o original desse regimento passado em favor do Guarda Mór, perdeu-se nos séculos.

Continuando, José Barbosa assim se expressa²⁴: “*Não houve até este tempo mais justiça nesta povoação que o Guarda Mor Pascoal Moreira Cabral, que a administrava na forma do assinado que lhe fizeram os companheiros e atrás fica copiado*²⁵; *repartia as lavras, acomodava as contentas que por elas se moviam; fazia pagar dívidas e julgava as conten-*

das de casos ocorrentes, tudo verbalmente sem forma do processo, com tanta prudência, acordo e agrado das partes, que todos lhe ficavam obrigados, tanto vencedores como vencidos.”

Após o recebimento do Regimento do Guarda Mor, em obediência ao mesmo, com a eleição dos doze deputados e a instituição do mencionado Senado, mudando o sistema de arrecadação, “[...] *com os deputados que logo se elegeram e com as novas instruções, houveram logo muitas novidades de condenações, vexações e queixas no povo, porque todos queriam governar, todos queriam ser Justiças, todos queriam ser Reis, todos queriam ser rocas (sic), o que até aquele tempo não houve*”²⁶.

Provavelmente a partir daí, começaram-se os exageros, as perseguições, os abusos por parte dos doze deputados, os fiscais da época, o que não se observou no tempo em Pascoal Moreira Cabral atuava sozinho. Certamente com extremo bom senso deveria exercer as suas funções de Guarda Mor.

Nesse ano de 1723, o guarda mor Pascoal Moreira Cabral remeteu para São Paulo, os primeiros quintos arrecadados nas minas cuiabanas, levadas pelo Padre André dos Santos Queiroz. “*Os primeiros quintos para El Rey que se apuravam, cobrou-os o guarda mor Pascoal Moreira Cabral desde que se começou a minerar até o ano de 1723, que era duas oitavas e meia por ano de toda a pessoa que trabalhava em qualquer ofício [...] e apurou quatro arrobas de ouro que enviou pelo padre André dos Santos para a Provedoria da cidade de São Paulo na monção que neste ano saiu [...]*”²⁷

De 1719 até 1723, Pascoal Moreira Cabral e Fernando Dias Falcão, sozinhos comandaram os destinos das Minas do Cuiabá. O primeiro como Guarda Mor e o segundo como Cabo Maior realizavam a administração do arraial pelos poderes que lhes conferiram os bandeirantes pioneiros pela Ata de 1719 e pelo Termo de 1720. Porém a partir de 1723, com o crescimento das minas, o Capitão General de São Paulo passou a exercer um comando maior e iniciou um procedimento de institucionalização das mesmas, com a nomeação de várias pessoas para diversos cargos da administração colonial. Assim, em 1723 João Leme foi nomeado Provedor dos Quintos, Lourenço Leme como Regente das Minas e João Antunes Maciel como Superintendente das Terras Mineraias do Cuiabá. Além é claro dos já mencionados 12 deputados-fiscais. Com a morte dos irmãos Leme, Fernando Dias Falcão foi nomeado também Superintendente.

Dessa forma, Pascoal Moreira teve o seu poder de fato reduzido drasticamente em face dessas nomeações, passando a exercer a sua mera função de guarda mor das minas, ou seja, fazer a repartição de alguma nova lavra descoberta, em datas, para os mineiros interessados. O poder legal nas minas cuiabanas passou a ser compartilhado e dividido com outras autoridades.

Mesmo antes dessa divisão legal de poder perpetrada por D. Rodrigo César de Menezes, sentindo as promessas vãs do referido Capitão General de São Paulo, Pascoal Moreira Cabral escreveu a D. João V, Rei de Portugal, dizendo: “ [...] *E como tenho descortinado este sertão nesta diligência [...] me acho destituído de cabedais e com família de mulher e duas filhas e um filho; pelo que peço a V.M. ponha os olhos neste seu leal vassalo como servido for e confirmar-me a ocupação de guarda mór destas minas de ouro do sertão do Cuiabá e Capitão Mór Regente por ser assim tão bem conveniente ao aumento de sua real fazenda [...]* “. ²⁸

Rodrigo César, hábil político, assim responde a Pascoal Moreira, dando-lhe esperanças que jamais foram cumpridas: “ *Eu parto sem falta para essas minas no princípio de junho e serei o portador dos papéis de V.M.cê que remeti a El Rey Nosso Senhor, como também mais de alguma mercê, pois não descuidei de por na Real presença os bons serviços e merecimentos de V.M.cê para por eles ser atendido: assim, espero que V.M.cê obre de sorte que se faça merecedor de mais, e eu tenha que agradecer-lhe: fico para servir a V.M.cê, a quem Deus guarde. São Paulo, 10 de julho de 1724 - Servidor de V.M.cê - Rodrigo César de Menezes*”. ²⁹

Por outro lado, o Capitão General escrevia ao Rei de Portugal informando contrariamente de suas promessas ao bandeirante:

“Sr:

Tudo quanto Pascoal Moreira Cabral Leme representou a V. Majestade sobre os descobrimentos que havia feito de ouro em o ribeiro chamado Coxipó e na conquista de alguns reinos do gentio, se não afasta da verdade, por cujo serviço me parece se faz digno de que V. Majestade lhe faça a mercê de conservá-lo por Governador (sic) daquelas minas, cuja ocupação se estila dar aos descobridores, e pelo que respeita ao posto de Capitão-Mór Regente se lhe não deve deferir, assim pela idade com que se acha, como pela pouca disposição e atividade que tem para semelhante incumbência. V. Majestade mandará o que for servido. Deus guarde a

Real pessoa de V. Majestade. São Paulo, 13 de agosto de 1724 - Rodrigo César de Menezes"³⁰

Certamente enganado pelas palavras sutis e envolventes do Capitão General, mesmo desprestigiado, mesmo dividindo o poder, Pascoal Moreira continuou a exercer com extremo zelo a sua função, quase sem atividade, de guarda mor das minas cuiabanas.

Em 15 de novembro de 1726, o Capitão General Rodrigo César de Menezes chegou a Cuiabá, trazendo consigo um séquito de funcionários e administradores. A 1º de janeiro de 1727, elevou o arraial à categoria de Vila, e com isso, institucionalizou de forma definitiva a administração cuiabana. Trouxe o Ouvidor Geral Antonio Alvares Lanhas Peixoto, e determinou a criação da Câmara de Cuiabá, a única a instalar-se já com o título honorífico de Senado da Câmara, com seus inúmeros cargos de vereadores, almotacéis, meirinhos, procuradores e juizes ordinários.

Pascoal Moreira Cabral, o fundador de Cuiabá, nem sequer foi chamado para assinar a Ata de 1º de janeiro. Seu nome não consta dentre aqueles que assinaram o referido documento.

Rodrigo César nomeou a Fernando Dias Falcão como Provedor da Real Fazenda, Antonio José de Melo como almoxarife da Provedoria, Jacinto Barbosa Lopes como Provedor dos Quintos e a Domingos Leme da Silva como Provedor dos Registros e Entradas. Assim, nunca cumpriu as promessas feitas ao guarda mor, de obsequiá-lo pelos seus serviços a El Rey, com uma cargo remunerado que lhe desse ensejo de sustentar com dignidade a sua família.

Sobre a preterição de Pascoal Moreira, assim se manifesta João Severiano da Fonseca: "*Homem nessas condições não mereceu de seus superiores continuar no posto que seu trabalho tinha criado e seus companheiros lhe conferido, mas foi motivo não ter angariado as simpatias de Rodrigo César, que entretanto ao nomear outros para sucederem-lhe no cargo, não se descuidou de escrever-lhe, embalando-o com promessas e bons ofícios [...] . O motivo principal dessa substituição foi a ganância e avidez do Capitão General [...]*".³¹

Já com idade avançada, em data não determinada, mas provavelmente logo após a chegada de Rodrigo César a Cuiabá, Pascoal Moreira Cabral retirou-se para um sítio de sua propriedade localizado rio Cuiabá abaixo, no local denominado Arraial Velho. Nos primeiros anos da ocupação pio-

neira, esse local fora também denominado Casa de Telha ou Aterrado, e possuía um famoso bananal que abastecia as monções que iam e vinham de São Paulo para as Minas do Cuiabá. Esse bananal possivelmente deveria ter sido lá plantado pelos irmãos Leme na era de 1719 ou 1720. Esse sítio estava a dois dias de canoa da barra do rio Cuiabá em sua confluência com o rio Paraguai, e a quinze dias até a vila do Cuiabá, portanto, em pleno pantanal mato-grossense.

A 24 de junho de 1726, foi passado Regimento em favor de Antonio Pires de Campos, nomeando-o Provedor do Registro para a cobrança dos quintos das cargas de secos, molhados e escravos, passado em Cuiabá por Fernando Dias Falcão e João Antunes Maciel, estava assim disposto: “ [...] *Logo que chegar ao Arraial Velho, ao sítio do Guarda Mor onde deve assistir o dito Provedor o Capitão Antonio Pires de Campos, mandará fixar um edital [...]* ”. ³²

E Pascoal Moreira, abandonado pelas autoridades, desprestigiado pelos amigos bandeirantes dos tempos pioneiros, permaneceu retirado da vila cuiabana até 1730.

A Provisão do Capitão General Caldeira Pimentel, de 19 de junho de 1730, menciona expressamente:

“Faço saber aos que esta Provisão virem que havendo consideração a se acharem as minas do Cuiabá sem Guarda Mor que prontamente faça repartição de terras aos mineiros, por estar ausente delas Pascoal Moreira Cabral, que pelos seus muitos anos e achaques, vive retirado das ditas minas, e ser necessário prover-se guarda mor, que haja de acudir com prontidão à repartição de terras [...]. Hei por bem fazer-lhe mercê (como por esta lhe faço) ao dito Antonio de Almeida Lara, de o prover no dito cargo de guarda mor das ditas minas do Cuiabá por tempo de um ano [...]” ³³

Por essa Provisão, claramente ficou patente que Pascoal Moreira Cabral já estava retirado das Minas do Cuiabá, vivendo, obviamente, em seu sítio do Arraial Velho, alquebrado pelos anos de sertão, doente, cheio de achaques, e por que não dizer, esclerosado e caduco.

Em data de 19 de dezembro de 1731, D. João V, Rei de Portugal, através seu Conselho Ultramarino, remeteu carta ao Capitão General de São Paulo, assim comunicando:

“Faço saber a vós, Antonio da Silva Caldeira Pimentel, Governador

da Capitania de São Paulo, que os oficiais da Câmara da Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá me representaram em carta de vinte e nove de junho do ano passado (1730) que, no mesmo ano falecera Pascoal Moreira Cabral Leme, guarda mor daquelas minas; [...] “³⁴

Assim, aos 76 anos de idade, faleceu Pascoal Moreira Cabral.

Barbosa de Sá nos diz em suas crônicas que o fundador de Cuiabá “*jaz sepultado na Igreja Matriz desta vila [...]* “. Todavia, se realmente Pascoal Moreira Cabral faleceu em seu sítio do Arraial Velho, como tudo indica, ele jamais poderia ter sido sepultado na Matriz de Cuiabá, visto serem 15 dias de viagem de canoa, rio Cuiabá acima até a vila. Sem técnicas de embalsamamento seria impossível transportar um corpo por tantos dias. Portanto, com os dados históricos que nos são oferecidos, morando em seu sítio, ao falecer, deva ter sido lá mesmo enterrado, e não como mencionou Barbosa de Sá, sepultado na Igreja Matriz de Cuiabá. Salvo se, antes de morrer, agravando-se a sua doença, fora transportado ainda em vida para Cuiabá, a fim de receber melhores cuidados. Mas os dados históricos levantados não levam a esse raciocínio. Portanto, tudo indica que Pascoal Moreira Cabral faleceu em 1730, em data anterior a 29 de junho, em seu sítio no Arraial Velho, e aí mesmo sepultado.

Depois de sua morte, seu filho esteve em Cuiabá, voltando a seguir para São Paulo, na certeza cuidando dos poucos bens deixados de herança pelo seu pai.

Barbosa de Sá, foi o único cronista, talvez contemporâneo de Pascoal Moreira Cabral, pois nunca se identificou exatamente a data de sua chegada a Cuiabá, que traçou o seu perfil, certamente delineado com a firmeza de quem conheceu pessoalmente o bandeirante notável, deixando para a história esse interessante registro:

“Faleceu Pascoal Moreira Cabral, morte que todos em comum sentiram, era este homem natural da cidade de São Paulo (sic) das melhores e principais famílias, caro, sem letras, pouco polido e de agudo entendimento, sincero, sem maldade alguma, de extremada caridade com os próximos, a todos servia e remediava com o que tinha e no que podia, amigo de Deus pelo que mostrava em suas ações, experto na milícia dos sertões e exercício de minerar, pelo ter já exercitado nas Minas Gerais, e constante nos trabalhos [...] “³⁵

NOTAS:

- ¹ - FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. *Dicionário de Bandeirantes e Sertanista do Brasil* - São Paulo: Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, 1954, p.213, verbete "Leme, Pascoal Moreira Cabral"
- ² - CORRÊA Filho, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: INL, 1969
- ³ - CORRÊA Filho, Virgílio - op. Cit.
- ⁴ - *Demonstração dos diversos caminhos de que os moradores de São Paulo se servem para os rios Cuiabá e Província de Coxiponés*. Revista do Museu Paulista, São Paulo: v. I, 1922
- ⁵ - FRANCO, Francisco de Assis Carvalho - op. Cit., p. 213 e 214
- ⁶ - SÁ, José Barbosa de Sá. *Relação das povoações do Cuiabá e do Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos*. Cuiabá: UFMT, 1975
- ⁷ - FRANCO, Francisco de Assis - op. Cit., p. 213
- ⁸ - CORRÊA Filho, Virgílio - op. Cit.
- ⁹ - TAUNAY, Afonso. *História Geral das Bandeiras Paulistas*. São Paulo, Imprensa Oficial, 1949, V.10, p. 12, (Os primeiros anos de Cuiabá e Mato Grosso)
- ¹⁰ - SÁ, José Barbosa de - op. Cit.
- ¹¹ - CORRÊA Filho, Virgílio - op. Cit., p.230, nota 5
- ¹² - SÁ, José Barbosa de - op. Cit.
- ¹³ - SÁ, José Barbosa de - op. Cit.
- ¹⁴ - A propósito desse documento vide: SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Ata de Fundação de Cuiabá - Uma análise crítica*. Cuiabá: Ed. IHGMT, 1995. Nessa obra se contesta a autenticidade dessa ata, efetuando-se uma exegese do referido documento. Tudo indica a Ata ter sido lavrada em data posterior a que menciona em seu bojo, em face de erros históricos que a mesma contém.
- ¹⁵ - SILVA, Paulo Pitaluga Costa e - op. Cit. Vide texto completo da Ata
- ¹⁶ - Termo que fizeram os primeiros exploradores que se acharam nas Minas do Cuiabá, In: LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*. São Paulo: Duprat & Cia, 1905, 7º. v., p. 434/435
- ¹⁷ - SÁ, José Barbosa de - op. Cit.
- ¹⁸ - SÁ, José Barbosa de - op. Cit.
- ¹⁹ - SÁ, José Barbosa de - op. Cit.
- ²⁰ - LEITE, Luís - Philippe Pereira. *Forquilha - O Fundador - A Padroeira*. Rio de Janeiro: Casa da Moeda do Brasil, s.d., p.23/24
- ²¹ - SÁ, José Barbosa de - op. Cit.
- ²² - SÁ, José Barbosa de - op. Cit.
- ²³ - Regimento que levou para as novas Minas do Cuiabá o Mestre de Campo João Leme da Silva. In: *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo - Bandos e Portarias de Rodrigo César de Menezes*. São Paulo: v. XII, 1895, art. 20º, p. 110
- ²⁴ - SÁ, José Barbosa de - op. Cit.
- ²⁵ - Refere-se Barbosa de Sá, à Ata de Fundação de Cuiabá de 8 de abril de 1719, em que os bandeirantes reunidos elegeram Pascoal Moreira Cabral como seu Guarda Mor, dando-lhe poderes administrativos e judiciários.
- ²⁶ - SÁ, José Barbosa de - op. Cit.
- ²⁷ - SÁ, José Barbosa de - op. Cit.
- ²⁸ - SILVA, Paulo Pitaluga Costa e - op. Cit., p.70, Anexo III, Carta de Pascoal Moreira Cabral ao Rei de Portugal de 15 de julho de 1722.
- ²⁹ - FONSECA, João Severiano da. *Viagem do Redor do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Pinheiro e Cia, 1880, 2º. volume, p. 25
- ³⁰ - *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, v. XXXII, p.80 - Correspondência e Papéis Avulsos de Rodrigo César de Menezes
- ³¹ - FONSECA, João Severiano da - op. Cit., p. 24
- ³² - Traslado do Regimento que levou em 24 de junho de 1726 o Capitão Antonio Pires de Campos para a Casa do Registro (...). In: *Documentos Interessantes para a História e Costumes de S.Paulo - Bandos e Portarias de Rodrigo César de Menezes*. São Paulo: v. XIII, 1895, p.139

³³ - In: SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. Notícias acerca do falecimento de Pascoal Moreira Cabral Leme. *Mensário do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro: n. 1, ano IX, 1978

³⁴ - O original desse documento encontra-se no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

³⁵ - SÁ, José Barbosa de - op. Cit.

BIBLIOGRAFIA

1- Demonstração dos diversos caminhos de que se servem os moradores de São Paulo se servem para os rios Cuiabá e Província de Coxiponés. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo: v. I, 1922

2-CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: INL, 1969

3- DOCUMENTOS Interessantes para a História e Costumes de São Paulo. São Paulo: Arquivo Público de São Paulo, v. XII e XIII, 1895

4- FONSECA, João Severiano da. *Viagem do Redor do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia de Pinheiro e Cia, 1880, 2 v.

5- FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário de São Paulo, 1954

6- LEITE, Luís - Philippe Pereira. *Forquilha, o Fundador, a Padroeira*. Rio de Janeiro: Casa da Moeda do Brasil, s.d.

7- LEME, Luís Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*. São Paulo: Duprat & Cia, 1905, v.7

8- SÁ, José Barbosa de. *Relação das Povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos*. Cuiabá: UFMT, 1975

9- SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. Notícias acerca do falecimento de Pascoal Moreira Cabral Leme. *Mensário do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro: n.1, ano IX, 1978

10- SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Ata de Fundação de Cuiabá - Uma análise crítica*. Cuiabá: IHGMT, 1995

11- TAUNAY, Afonso D'Escagnole. *História Geral das Bandeiras Paulistas*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1949, tomo X - (Os Primeiros anos de Cuiabá e Mato Grosso).